

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Realizador Convidado: A. Arrieta

1 de Junho de 2022

LE CHÂTEAU DE POINTILLY / 1972

Argumento, Realização, Câmara e Montagem: Ad. G. Arrieta / Guião: Michelle Müller / Som directo: Jean-Claude Biette / Piano: Adorita Arrieta / Misturas: Eduardo Molinero / Com: Françoise Lebrun, Dionys Mascolo, Xavier Grandes, Virginie Mascolo, Françoise Giraud, Josee Lapeyrere, Jean-Claude Biette, Michelle Muller / Título alternativo: Pointilly.

Produção: A. Arrieta / Cópia: A. Arrieta, em ficheiro, preto e branco e cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 38 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação pública: 20 de Abril de 1972, Rencontres du Jeune Cinéma de Toulon / Primeira exibição na Cinemateca.

Le Château de Pointilly é apresentado com **Les Dames du Bois de Boulogne**, de Robert Bresson (“folha” distribuída em separado).

com a presença de A. Arrieta

Le Château de Pointilly, correspondendo a uma das primeiras obras cinematográficas de Ad. G. Arrieta (segundo a grafia do genérico), é também um dos mais conseguidos exemplos da primeira “fase” da obra do cineasta, que se desenvolve entre o onirismo e a realidade, entre o sonho e o diário filmado, marcando aqui a deambulação da sua protagonista nas ruas de Paris o ponto de partida de uma viagem entre presente e passado, entre a idade adulta e as memórias da infância, atravessadas por sombras, histórias misteriosas, anjos e castelos secretos.

O filme já foi descrito como uma adaptação muito livre de *Eugénie de Franval*, do Marquês de Sade, e a sê-lo é realmente muito distante da obra original, mas referi-lo permite salientar o seu subtexto associado a uma relação marcada pelo incesto entre pai e filha, e a sua posterior evasão da casa paterna. Marguerite Duras explicita bem essa mesma questão no final de um artigo que escreveu nos *Cahiers* na altura da estreia do filme, texto que ficaria conhecido entre os admiradores de Arrieta e que chamaria a atenção sobre o realizador (está traduzido em espanhol e publicado online na revista *Lumière*). Curiosamente, uns anos depois, em 1975, o crítico e realizador Louis Skorecki (que também já esteve na cinemateca a apresentar a sua obra) realizaria em França um outro filme muito livre que assentava numa fidelidade extrema ao texto de Sade.

Le Château de Pointilly é protagonizado por Françoise Lebrun, que se estreava então no cinema como “atriz”. Companheira de Jean Eustache e colaboradora de vários dos seus filmes deste período, é com Eustache que Lebrun terá pouco depois o seu principal papel enquanto protagonista de **Le Maman et La Putain** (1973), a que se sucederiam

colaborações com Marguerite Duras. Por outro lado, um ano antes de **Pointilly**, Jean Eustache convidou Arrieta a filmar a introdução do seu filme **Numéro Zéro** (1971). Elementos que revelam como este e outros dos primeiros filmes de Arrieta são produto de muitas cumplicidades em que arte se mesclava com a vida em comum de um conjunto de amigos, atravessando a sua vida e obra vários dos nomes que vemos neste filme. Xavier Grandes é outro daqueles que participará em vários outros títulos futuros.

Numa clara sintonia com uma sensibilidade surrealista e um manifesto fascínio de Arrieta por Jean Cocteau (que é também o autor dos diálogos de **Les Dames du Bois de Boulogne**, o filme escolhido por Arrieta a sessão de **Pointilly**), Lebrun encarna o anjo desta história. A sua personagem é a da jovem adulta que chega a Paris para se afastar da influência do pai e conhece o seu futuro amante. Falso diário, filme confessional ou fantasia com alguns momentos de pura poesia (o sonho da protagonista), **Le Château de Pointilly** aborda indirectamente uma série de interditos, alguns dos quais se estendem aos filmes que Arrieta escolheu para acompanhar as suas obras nestas várias sessões.

Filmado de modo muito “artesanal”, **Le Chateau de Pointilly** é claramente uma obra à margem, filme exemplar de um *underground* europeu na sua faceta mais lírica (numa alusão directa ao chamado *underground* norte-americano do mesmo período). A sucessão de sequências em flash-back, que se intercalam com a confissão da protagonista e com a sua deambulação nas ruas de Paris, transformam o filme num monólogo poroso, cuja poesia é a exacerbada pela forte presença da ainda muito jovem Françoise Lebrun, que aqui se aproxima dos “modelos” de Bresson. Falávamos da sua primeira aparição enquanto actriz, mas é mais de um “modelo” que se trata, neste filme de rostos e de corpos que a dada altura nos lembra o filme que Philippe Garrell fez dois anos depois com Jean Seberg (**Les Hautes Solitudes**, 1974). Mas enquanto o filme de Garrell é mudo, **Pointilly** é conduzido pela admirável voz de Lebrun.

Françoise Lebrun confessa para a câmara que não se lembra de um momento da infância em que não estivesse debaixo da vigilância próxima do seu pai e como o único interdito era o castelo de Pointilly. Ao encontrar o seu novo amor marcam encontro para Pointilly. Regressam as mesmas imagens, regressam os mesmos acordes de piano, regressa o mesmo rosto do pai. Pointilly como o último estádio da sua “educação”, Pointilly como o ponto de separação e de uma nova relação descrita mediante um monólogo que, no final, se transforma num diálogo entre pai e filha num filme que, como tão bem descreve Duras, tira pleno partido da figura do pleonasma, numa constante reiteração de um *déjà-vu*.

A versão do filme que hoje vemos é uma versão substancialmente mais curta que os setenta e cinco minutos do filme original estreado em 1972, que nos últimos anos foi remontado pelo cineasta, seguindo um princípio que aplicou a grande parte de uma obra atravessada por uma vontade constante de reescrita e reinvenção, que se estende ao próprio nome com que tem Arrieta tem assinado os seus trabalhos, ou diferentes funções nesses mesmos trabalhos. Ad. G. Arrieta ou Adolfo Arrieta, **Le Château de Pointilly** ou apenas **Pointilly**.

Joana Ascensão